

Carta Aberta ao País

a propósito da Cimeira Climática em Paris

No cumprimento do nosso dever cívico e moral, fazemos saber o seguinte:

1) Inexistem efeitos fortes demonstráveis do dióxido de carbono (CO₂) sobre o clima. Repetindo sem fim o contrário não altera os factos. Historicamente, o CO₂ sempre aumentava *depois* dos aumentos da temperatura.

2) Existem efeitos benéficos demonstráveis do CO₂ sobre a natureza. O CO₂ é o gás da vida. As árvores usam CO₂ para respiração, sufocando na falta deste. As plantas prosperam com as concentrações mais elevadas do CO₂, e já estamos a ver o nosso planeta cada vez mais verde. Para dar um exemplo, nas estufas acrescentam o CO₂ ao ar de propósito, para acelerar o crescimento das plantas.

3) A indústria não está a "conspirar" para defender o uso continuado dos combustíveis fósseis. Alguns países podem estar interessados nisso, mas o tipo do combustível utilizado é imaterial à indústria. Isso inclui a indústria petrolífera (O capital é flexível e rapidamente transforma os meios da produção, para as fontes alternativas. Bem sabemos que a Philips deixou de produzir as lâmpadas incandescentes!). Ainda, o mercado de energias verdes e tecnologias verdes é uma oportunidade de negócio. Mais, conseguindo contribuir para elaboração da respectiva legislação, consegue-se manter uma vantagem sobre competição. Assim, o ERT (European Round Table of Industrialists, que inclui as maiores indústrias da Europa) tem-se colocado numa posição onde esta a escrever as leis da Europa, beneficiando das informações privilegiadas sobre legislação futura e extraíndo disso enormes lucros. Em alguns casos isso pode levar a fraudes, como temos visto recentemente no escândalo de Volkswagen.

4) Existe um aparente consenso dos cientistas em relação ao clima. Este consenso resulta da maneira como organizamos a ciência. Este sistema tem retroacção. Havendo mais investigadores "a favor", os artigos (e os projectos) "a favor" ficam aceites mais facilmente, pois têm mais hipóteses de obter uma aprovação do revisor. Eventualmente, o consenso atingirá 100%. Neste momento, este indicador é de *apenas* 97%, pois o assunto faz parte da política durante *apenas* 20 anos. A ciência está a ser destruída. Os investigadores de "contra" estão marginalizados (e frequentemente endiabrados). Entretanto, a ciência real sempre implica uma atitude crítica (e assim céptica) mas nunca uma reiteração infinda de uma agenda política (veja uma citação do Bertrand Russel no fim). Historicamente, a oposição ao consenso foi sempre considerada um acto heróico (lembrando o Galileo, que durante a sua vida toda afirmava que a Terra está a rodar). Hoje em dia, ao contrário, estamos a apelidar de heróico o consenso. Em 2015 nenhum céptico climático consegue receber qualquer financiamento do governo, nem da indústria. O que temos agora, é o consenso, ou seja "O Sr. diz, e gente alinha". As pessoas estão a pagar para ouvir mentiras.

5) Por mera necessidade de provar o aquecimento global, os dados climáticos têm sido convenientemente ajustados. O aquecimento do nosso planeta na segunda metade do século 20 provém principalmente destes ajustes. Um outro conjunto fraudulento de dados é o "taco de hóquei" do Sr. Mann (as temperaturas durante o último milénio, constantes até aos meados do século passado, e depois crescentes rapidamente). Este gráfico já foi desmerecido cientificamente, mas continua a flutuar nos círculos políticos. Uma cultura fraudulenta industrial, já mencionada, instalou-se igualmente no mundo da investigação

científica. Primeiro, porque os investigadores hoje em dia precisam de uma ligação com a indústria ("economia baseada em conhecimento" é um dos chavões da União Europeia) e mais, porque a ciência hoje em dia tem que ser "útil" (lê-se: lucrativa) para a sociedade. Esta abordagem vai contra as opiniões de cientistas notáveis como Einstein e Feynman, e abre a porta a fraude. A fraude permite adquirir a riqueza e o prestígio. Mas: "A verdade vai prevalecer".

6) Todos os modelos climáticos da IPCC têm falhado até hoje. Cada vez que falham, fazem-se mais ajustes aos modelos (ou aos dados!) Essa abordagem chama-se "retrovisão" (previsão do passado). Esta maneira de proceder nada tem a ver com ciência. A ciência, de acordo com o filósofo Popper, engloba cinco ingredientes. Um destes é que o modelo deve fazer alguma previsão que pode ser testada. Mais, esta previsão não pode ser do tipo "Se P então Q" (sendo P o modelo, e Q o evento) e procurando pelo Q, em vez disso, deve ser "Se P então *não* Q" e procurando pelo Q. "Se eu tenho razão, então isso e aquilo *não* pode acontecer". A investigação deve centrar-se na procura dos casos onde o modelo falha. Noutras palavras, um cientista é um céptico profissional.

Todas as previsões da IPCC falharam. Em 2007, por exemplo, as variações naturais da temperatura foram avaliadas, aproximadamente, em 0.1 de grau, resultando em que todo o aquecimento resulta do CO₂, sem qualquer dúvida. Considerando o facto que o CO₂ tem estado a crescer, de forma contínua, a possibilidade de uma pausa no aquecimento era impensável. Entretanto, aconteceu. "Se os modelos da IPCC estão certos, então nada de pausas". A pausa aconteceu. Então, os modelos do IPCC estão errados. Ponto final, acabou. A IPCC voltou a estaca zero, e ajustou os seus modelos, os quais agora incluem uma pausa. Mas não devemos agora também dar ouvidos aos cientistas que *conseguiram* prever uma pausa, ou mesmo um arrefecimento? Estes cientistas existem mesmo. Entretanto, estão estigmatizados, e com frequência acusados falsamente de "ligações com indústria", isso quando as políticas *exigem* que os cientistas arranjam ligações com a indústria, como já mencionamos no ponto 5. Assim, estas acusações parecem bastante esquizofrénicas. De facto, a indústria é um grande (pro)motor por trás da toda a agenda climática. Desafiemos os jornalistas a investigarem o assunto. Segue o rasto do dinheiro!

Iremos acabar com as palavras do Bertrand Russell: "... a pessoa cujas opiniões e teorias merecem o estudo, provavelmente tinha alguma inteligência, embora nenhuma pessoa podia ter chegado a verdade final e completa, em qualquer assunto. Quando uma pessoa inteligente exprime uma opinião aparente e obviamente absurda, não devemos tentar provar que isso seja de alguma forma verdade, mas devemos tentar a perceber, como isso chegou a *parecer* verdade. Este exercício de imaginação histórica e psicológica imediatamente alarga os horizontes do nosso pensamento, ajudando a perceber quão ridículos parecerão os nossos próprios preconceitos numa era com uma maneira diferente de pensar."

Faro, 24 de Novembro de 2015

Prof. Assoc. Agr. Peter Stallinga, <pjotr@ualg.pt>
Prof. Agr. Igor Khmelinskii, <ikhmelin@ualg.pt>
Universidade do Algarve

<http://www.stallinga.org>